

A ESCRITA DE SI DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA NOS ANOS 1970 (NOTAS PARA ESTUDO)¹

Raphael Guilherme de Carvalho²

Resumo: Estas notas reflexionam sobre aspectos da escrita de si de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1970, com base na “Apresentação” do livro *Tentativas de Mitologia* (1979) e na entrevista do autor à revista *Veja* (1976). Ocupam-se da hipótese de que, naquele período de intensa crítica historiográfica, Sérgio Buarque investia na posteridade de sua memória e procurava direcionar a recepção de sua obra pelas gerações subsequentes. Neste percurso, a partir dos textos selecionados, observamos as respostas à crítica de sua produção ensaística dos anos 1930, seguidas de um discurso sobre a história, além do posicionamento em favor dos valores democráticos.

Palavras-chave: Escrita de si; Sérgio Buarque de Holanda; Historiografia brasileira; História intelectual.

SELF-WRITING BY SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA IN THE 1970s (REMARKS TO STUDY)

Abstract: These remarks are a reflection on some aspects of the self-writing by Sérgio Buarque de Holanda. They are based on the “Preface” of the book *Tentativas de Mitologia* (1979) and on an interview given by the author to the magazine ‘Veja’ (1976). The hypothesis is that Sérgio Buarque had invested in the perpetuation of his memories in a period of intense historiographical criticism, giving a precise meaning to his reception for the following generations. The responses to the criticism leveled at his essayistic production, at the 30s, a speech about history, and the author’s position in favor of democratic values can be perceived in the selected texts.

Keywords: Self-writing; Sérgio Buarque de Holanda; Brazilian’s historiography; Intellectual history.

“A ordem mítica inverte os termos:
o passado é um futuro que desemboca no presente”.

Octávio Paz (1982: 76)

Escrita de si, história intelectual e historiografia

¹ Este texto apresenta reflexão parcial em torno do trabalho de doutorado em preparação.

² Doutorando no Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR). Bolsista CNPq (Doutorado) e CAPES (PDSE). Agradeço a interlocução com Robert Wegner e João Kennedy Eugênio, que contribuíram com leituras críticas e sugestões durante a confecção deste texto.

Nos anos 1970 e início dos anos 1980, Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) gozava de grande prestígio e notoriedade, como atestam os prêmios recebidos, homenagens, convites e prefácios a obras historiográficas e literárias.³ Paralelamente, ele continua a se preocupar com a crítica (e a autocrítica) de sua produção, principalmente – ainda – a respeito de *Raízes do Brasil*, que teve sua primeira edição em 1936 e foi sendo sucessivamente reescrito e atualizado (1948, 1956, 1963, 1969). Uma leitura de seu discurso sobre si neste período pode contribuir para a compreensão de suas posições políticas e historiográficas num plano mais concreto e, de forma mais geral, de sua participação na construção de uma determinada memória/imagem legada à cultura histórico-historiográfica brasileira. Tem-se em vista, com as observações que aqui serão expostas, contribuir para a historicização (por oposição à atemporalidade monumental) de sua presença na cultura histórica brasileira, como condição necessária para o movimento recentemente aberto de linhas de fuga da narrativa hegemônica sobre o autor. Este estudo inicial da escrita de si de Sérgio Buarque procura se situar, de tal forma, na intersecção da função geralmente aceita da história da historiografia como “esclarecimento de posições na história da ciência da história” (RÜSEN, 2012: 15), e da história intelectual, de compreensão de uma obra em sua historicidade, “sem ignorar as camadas temporais que se vão interpondo até a atualidade” (DOSSE, 2004: 175).⁴

A escrita de si dos intelectuais pode ser estudada a partir de suas produções autorreferenciais, que mobilizam o “eu” em primeira pessoa – correspondências, diários íntimos, entrevistas, bem como textos memorialísticos ou de caráter autobiográfico. Jean-Louis Jeannelle estuda o gênero “Memórias” e o define como ao mesmo tempo literário e de ambição historiográfica. No final do século XX ele observa uma evolução do gênero em direção às narrativas ego-históricas. Escritas para a posteridade, quando os interessados participam da elaboração de sua própria história, estas narrativas monumentais denotam ainda a persistência da cultura da exemplaridade. Possuem, contudo, valor indiciário de documento, enquanto ato de discurso articulado à prática social (JEANNELLE, 2008: 13).⁵ François Dosse mobilizou a noção de escrita de si em

³ Em 1979, Sérgio Buarque recebeu da União Brasileira de Escritores (UBE), em parceria com o jornal *Folha de S. Paulo*, o “troféu Juca Pato”, representativo do título de “Intelectual do Ano”, por ocasião do lançamento, na mesma data, de *Tentativas de Mitologia*. Em 1980, pelo mesmo trabalho, recebe da Câmara Brasileira do Livro o “prêmio Jabuti”, na categoria estudos literários (ensaios).

⁴ As narrativas biográficas e autobiográficas podem favorecer um movimento da historiografia em direção à história intelectual (DOSSE, 2005: 48). Sobre as relações entre história intelectual e historiografia, pela ponte do gênero biográfico, ver também Philippe Poirrier (2004: 225-226).

⁵ As primeiras teorias do gênero autobiográfico partem dos estudos literários, nos anos 1970, como a noção de “pacto autobiográfico” (1975) de Philippe Lejeune. Starobinski (1970: 88), ainda antes, marca

sua biografia de Pierre Nora (capítulo 20). Ao comentar os “Ensaio de Ego-História” (1987), sublinhou que Nora favorecera o surgimento de uma forma de subjetividade específica quanto à relação entre a história que o historiador produz e a história que o faz historiador (DOSSE, 2011: 389-90).⁶

O tema, todavia, não parece ainda muito desenvolvido no campo da historiografia, diferente dos estudos literários e da psicanálise (CHIANTARETTO, 2002). Entre nós, contamos com o trabalho coletivo, organizado por Angela de Castro Gomes, “Escrita de si, escrita da história” (2004). Rebeca Gontijo, em estudo relevante para a aplicação da noção na historiografia, opera com a escrita de si do historiador cearense Capistrano de Abreu (1853-1927), a partir do conjunto de correspondências, em confronto com sua memória consolidada como precursor de uma historiografia brasileira moderna (GONTIJO, 2013: 15-16).⁷

Ler os textos historiográficos em sua historicidade, como documentos históricos, é “devolvê-los ao tempo em que foram produzidos” (GUIMARÃES, 2010: 16). Para uma análise da obra de Sérgio Buarque, em qualquer de seus aspectos, isso se faz hoje imprescindível, a fim de desembaraçar o entrecruzamento de vozes múltiplas, vindas de tempos e lugares de enunciação distintos.

A obra de Sérgio Buarque de Holanda e a historiografia brasileira nos anos 1970

Mesmo aposentado da Universidade de São Paulo (USP), Sérgio Buarque continuaria de alguns modos atuante na Universidade nos anos 1970, seja publicando na *Revista de História* (USP), seja como orientador de teses. Nesta década os textos em primeira pessoa começam a aparecer com frequência. A bem da verdade, assomam desde 1966, quando pronuncia a lapidar e nada insuspeita frase: “Sou apenas o pai do

uma distinção entre autobiografias e memórias. São memórias, em sua ótica, os textos que recontam situações históricas, produzindo certo apagamento do autor, convertido em historiador, que assume a narração em terceira pessoa. A propósito da emergência de um campo de estudos a este respeito nos anos 1970, ver Philippe Leivillan, “Les protagonistes: de la biographie” (1996: 147-149).

⁶ A questão da “escrita de si dos historiadores” (no contexto francês contemporâneo) vem sendo estudada no seminário do projeto “Histinéraires”, animado por Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia no Institut d’Histoire du Temps Présent (IHTP). Sobre este projeto, ver <http://crbeh.hypotheses.org/542#more-542>. Ou, ainda, *Les présents de l’historien* (GARCIA, 2014).

⁷ No campo de estudos literários, Elizabeth Muylaert Duque-Estrada publicou em livro sua tese de doutorado, defendida na PUC-RJ, “Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si” (DUQUE-ESTRADA, 2009). Diana Klinger havia mobilizado a noção na tese defendida no departamento de Letras da UERJ, publicada como “Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica” (KLINGER, 2007).

Chico” (GARCIA, 1996: 124-5). Em 1967, pronuncia uma palestra na Escola Superior de Guerra (ESG), em que se posiciona, diante dos militares, contra possíveis utilizações de *Raízes do Brasil*, obra preocupada, segundo ele, com “a autêntica democracia”, sem demonstrar “qualquer sedução pelos regimes de força” (HOLANDA, 2008 [1967]: 617-637). Em 1968, no prefácio à segunda edição de *Visão do Paraíso*, salienta que a história não serve ao culto do passado, mas ao contrário, ao exorcismo de seus fantasmas (HOLANDA, 2010 [1968]: 11-33). Em 1969, ele editava a quinta edição de *Raízes do Brasil*, que vinha a público acompanhada do prefácio do crítico Antonio Candido, importante para um direcionamento específico da recepção de *Raízes do Brasil* nos anos de ditadura (HOLANDA, 1995 [1969]: 9-21).⁸ Este prefácio acabaria por cristalizar em história a memória da geração de 1930 como grande protagonista da moderna historiografia brasileira (FRANZINI; GONTIJO, 2009: 156-7).⁹

Em importante entrevista à revista *Veja* (1976), Sérgio Buarque não demora a dizer que, convidado pela casa editora Gallimard para uma tradução francesa de *Raízes do Brasil*, esboçou um prefácio atualizando suas ideias, mas acabou desistindo: “Hoje, eu não me aventuraria mais a tentar uma empreitada dessa espécie. Simplesmente porque os tempos são outros. [...] O livro está superado e plenamente datado” (HOLANDA, 1976: 3-4). Em 1979, publica *Tentativas de Mitologia*, livro que reúne alguns de seus ensaios de crítica de cultura produzidos entre os anos 1940 e 1950 (HOLANDA, 1979). Na “Apresentação”, de caráter memorialístico, define-se como historiador de ofício. “Quanto a mim, julgo que o exercício da crítica, mesmo que a não aperfeiçoasse, não transtornou minha vocação principal, de historiador” (HOLANDA, 1979: 32).

Nos anos 1970, o programa de uma história da historiografia deveria incluir no centro de suas pesquisas as interações entre o conhecimento das ideologias e as exigências da escrita historiadora (POMIAN, 1975: 952). A historiografia brasileira era

⁸ Não é copioso lembrar que tal seria a própria “função” do paratexto: “[...] quase sempre da ordem da influência, senão da manipulação, sustentada de maneira inconsciente (GENETTE, 1987: 412)”.

⁹ Ainda nesse período, Sérgio Buarque publica o sétimo volume (tomo segundo) da Coleção História Geral da Civilização Brasileira (1972). Intitulado “Do Império à República”, tem a particularidade de ter sido escrito individual e integralmente por Sérgio Buarque de Holanda, então diretor da coleção (HOLANDA, 2012). Na crítica especializada sobressaem os comentários que entendem este livro como uma incursão do autor, de forma engajada, pela história política (DIAS, 1985; ASSIS, 2010). Em 1974, vem a público na *Revista de História* o grande artigo, em termos de erudição e espessura interpretativa, sobre Leopold von Ranke (1790-1880) em sua atualidade e inatualidade.

percebida, entre outras funções, como lugar privilegiado da “crítica das ideologias”,¹⁰ por oposição à história das ideias (FALCON, 2000: 94). José Roberto do Amaral Lapa (1930-2000) constata como um dos traços essenciais dos trabalhos recentes “a ideologia como objeto e não motor do conhecimento histórico” (LAPA, 1976: 191). Outra característica significativa do período trata, no movimento de expansão dos cursos de pós-graduação e especialização em história, da inserção da disciplina de teoria da história e da própria historiografia brasileira (LAPA, 1976: 9).¹¹ Não se pode negligenciar, é claro, que este momento crítico da historiografia brasileira, de retorno reflexivo sobre si e sobre sua própria história, ocorre enquanto “o Sistema mantém um controle endurecido sobre o pensamento, o ensino, os meios de comunicação” (LAPA, 1976: 201).

Ora, nos anos 1970 diversos historiadores se dedicaram à crítica historiográfica da geração de 1930. Esta crítica pode ser sintetizada pela acusação de uma “perspectiva aristocratizante de cultura” da parte dos ensaístas “intérpretes do Brasil” (MOTA, 1994 [1977]), tal como aparece em “Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)”, de Carlos Guilherme Mota. Este autor reivindica, de certa forma, uma continuidade da crítica aberta por Dante Moreira Leite (1927-1976) em “O caráter nacional brasileiro” (LEITE, 1983 [1969]). Sem enveredar pelos meandros destes debates, destacamos que, em resposta à demanda “ideológica” de época, do seguinte modo Sérgio Buarque se posiciona no campo da historiografia entre seus contemporâneos:

A atual geração de historiadores considera que a ideologia representa um pensamento falso. Mas eu pergunto: será possível assumir uma ideia que seja válida? Cada um de nós tem, no fundo, uma certa ideologia, um certo *conceito de tempo*. Para transcender isso, somente um gênio. E não devemos ficar de braços cruzados à espera desse ser excepcional, devorador de ideologias, que assumiria o ponto de vista da *eternidade* (HOLANDA, 1976: 6, grifos nossos).

¹⁰ Tendo em vista a recorrência da noção de ideologia nos textos da década, vale a pena revisitar brevemente o conceito. Para o sociólogo Karl Mannheim, a ideologia tem por função básica a conservação e harmonização da estrutura e ordem social: “está implícita na palavra ‘ideologia’ a noção de que, em certas situações, o inconsciente coletivo de certos grupos obscurece a condição real da sociedade, tanto para si como para os demais, estabilizando-a portanto” (MANNHEIM, 1972: 66). Carlos Guilherme Mota ataca, pois, justamente a concepção de intelectual de Mannheim (associada à geração de “intérpretes do Brasil”), visto como mais ou menos livre das determinações sociais, as quais geralmente procura ocultar em seus trabalhos (MOTA, 2010 [1977]: 33).

¹¹ Em 1990, Carlos Fico e Ronaldo Polito reivindicam de certa forma a “continuidade” do projeto de Amaral Lapa, visto como “o principal trabalho historiográfico dos anos 70” (FICO; POLITO, 1992: 19). Sobre a historiografia brasileira nos anos 1970, ver também LEITE, 1983 [1969]; MARSON, 1971: 513-528; HOLANDA, 1973; IGLÉSIAS, 1971; MOTA, 1994 [1975]; RODRIGUES, 1978; ODÁLIA, 1979: 7-31.

Pode-se depreender daí que, para Sérgio Buarque, a história, como se vinha praticando naqueles anos, aferrada a modelos prévios de análise e redutora do texto histórico às determinações sociais de sua produção – o texto submisso ao contexto, submerso nos quadros sociológicos engendrados –, desconsiderava a especificidade do que constitui obra histórica e a singularidade de sua enunciação. Ao defrontar a “geração atual de historiadores”, expõe um pensamento histórico sofisticado, ressaltando a noção de “experiência do tempo”, protagonista de sua concepção de história.

Escrita de si de Sérgio Buarque de Holanda: tentativa de mitologia?

Apenas dois anos antes da apresentação de suas memórias em *Tentativas de Mitologia*, Sérgio Buarque foi convidado pelo *Jornal do Brasil* para avaliar trabalhos de cunho memorialístico que avultavam em publicações recentes, tais quais as autobiografias de Juscelino Kubitschek (“Meu caminho para Brasília”, 1974), Carlos Lacerda (“A casa do meu avô”, 1977) ou Afonso Arinos de Melo Franco (“Alto Mar/Maralto”, 1976). Na matéria, ele critica solenemente o gênero autobiográfico, tido como exclusivamente panegírico, mas considera sua parcial importância como fonte histórica:

Quanto às autobiografias, acredito que fazem sempre a própria apologia do autor. Nunca li nenhuma autobiografia em que o autor se destratasse. A tendência natural é aumentar a própria participação nos episódios históricos. É possível que seja até humano, mas nem sempre nos traz contribuições para o caráter científico da história. A memória humana é fraca. [...] O valor documental desses livros, apesar de tudo, é grande. Servem como ponto de partida para uma pesquisa em profundidade (SCHILD, 1977: 5).

Consideramos, todavia, seus textos em primeira pessoa como documentos em si, não como ponto de partida para o cotejo com outras fontes, como àquela altura Sérgio Buarque sugeria. Ainda de acordo com Jeannelle (2008: 393), e isto representa aqui preciosa valia heurística, as narrativas ego-históricas se situam a meio caminho “entre a atividade memorial do campo social e os trabalhos produzidos pelos historiadores”. Muito em razão das particularidades políticas do momento, e das críticas à geração de 1930, se a escrita de si de Sérgio Buarque procura passar a limpo passagens de sua trajetória, ao mesmo tempo está voltada para o devir. Fernando Catroga lembra a

analogia entre a estrutura subjetiva do tempo e o sentido coletivo da memória (CATROGA, 2001: 17-18).¹² Memória e projeção são, assim, indissociáveis.

O título de *Tentativas de Mitologia* por si só desperta curiosidade e suscita reflexão. Ele já havia sido utilizado em 1952, como título de uma das críticas de cultura de Sérgio Buarque no *Diário Carioca*. Na oportunidade, desaprovava aspectos do estudo do historiador português Jaime Cortesão (1884-1960) a respeito do “mito da ilha Brasil”. Neste artigo de 1952, diz servirem os mitos às aspirações de fundo irracional, “o meio mais fecundo de se submeterem as gentes a uma dieta rigorosa, que encaminhe os seus intentos e as suas vontades a certos fins magníficos” (HOLANDA, 2011 [1952]: 214). Todavia, destacamos uma observação, rápida e aparentemente trivial, mas que nos prendeu a atenção, sobre a recepção do livro. Antonio Candido lamenta, bem simplesmente, a ausência de indicação das datas originais dos ensaios na edição da coletânea (CANDIDO, 1980: 12). Poderíamos perguntar – e aqui não fazemos senão levantar a questão – se na omissão das datas de publicação original (o que dificulta para os leitores a percepção da historicidade dos ensaios) ou na escolha, invariavelmente arbitrária, dos textos que compõem o livro, ele não ensaiaria também um ensaio de “mitologia de si”. Como se articulam, então, estes elementos – a salvaguarda de *Raízes do Brasil*, o conceito de história – que sustentam uma escrita de si capaz de produzir determinado sentido à sua trajetória?

Na “Apresentação” de *Tentativas de Mitologia*, como dissemos, Sérgio Buarque se define como historiador de ofício, ainda que utilize para isso a forma livre do ensaio, notada por Starobinski (2003: 174) como a mais apropriada para o “estudo de si e a autocompreensão”. Essa autocompreensão da “vocação principal de historiador” não esgota todas as potencialidades da “Apresentação”, mas representa o seu ponto nodal. A diferenciação que faz entre o crítico e o historiador é muito importante para a orientação da leitura de sua obra: ela convida à percepção da trajetória do ensaísta ao historiador profissional. Colocando em perspectiva o jovem crítico-ensaísta, procura iluminar regiões turvas de sua trajetória intelectual, demarca afastamento com relação a demais contemporâneos da geração de 1930, como Gilberto Freyre e Oliveira Vianna, em razão

¹² O estudo de Diana Klinger sobre a escrita de si na literatura contemporânea no contexto latino-americano percebe que “nos anos da pós-ditadura se produz, então, uma inversão com relação à escrita do século XIX e do modernismo, pois a memória não é mais dispositivo ao serviço da conservação dos valores de classe, mas ao contrário, funciona como testemunho e legado de uma geração que precisamente teve um projeto de mudança de valores” (KLINGER, 2007: 25). A própria esquerda brasileira, de modo geral, no final da década de 1970 direciona-se para uma mudança de perspectivas, agora empenhada na valorização da democracia e da cidadania (SILVA, 2014: 133-165).

de “posições antidemocráticas” e do anacronismo das “noções raciais” destes (HOLANDA, 1979: 13). Descontente com seus ensaios de juventude, ainda nos anos 1920, inevitavelmente Sérgio Buarque repassa os “*wanderjahre* alemães” (1929-1931), quando contato com a diferença cultural teria favorecido “a revisão de ideias velhas”.¹³ Como que a justificar a gestação de *Raízes do Brasil*, comenta suas novas leituras a terra de Goethe:

[...] Recomecei a ler, e recomecei mal, enfronhando-me agora em filosofias místicas e irracionais (Klages, etc.) que iam pululando naqueles últimos anos da República de Weimar e já às vésperas da ascensão de Hitler. [...] Foi só depois de conhecer as obras de críticos ligados ao “círculo” de Stefan George, especialmente de um deles, Ernst Kantorowicz, autor de um livro sobre Frederico II (*Hohenstaufen*) que, através de Sombart, pude afinal “descobrir” Max Weber, de quem ainda guardo as obras então adquiridas. Os livros de Weber e um pouco as lições de Meinecke, em Berlim, indicando-me novos caminhos, deixarão sua marca [...] (HOLANDA, 1979: 29-30).

Essas novas leituras, inclusive as “místicas e irracionais (Klages, etc.)”, estão presentes de diversas formas no ensaio dos anos 1930, como já se fez notar (EUGÊNIO, 2010: 147-155). Reiteradas vezes, Sérgio Buarque preocupou-se em desfazer aparentes mal-entendidos, desde o prefácio à segunda edição de *Raízes do Brasil* (1948). Na entrevista de 1976, quando o ensaio alcançava já quarenta anos, não demorou a dizer, que o seu argumento, em parte elaborado durante a temporada alemã, era de que “nunca houve democracia no Brasil, necessitávamos de uma revolução vertical, que realmente implicasse a participação das camadas populares” (HOLANDA, 1976: 3).¹⁴ Cumpre notar, neste ponto, em favor de nossa problematização, uma contradição central no seu discurso: ao mesmo tempo em que considera *Raízes do Brasil* um livro datado e superado, procura orientar sua recepção naqueles anos 1970 como radicalmente democrático – considere-se, igualmente, a notável proximidade entre a palestra na ESG (1967) e o prefácio de Antonio Candido (1969).

¹³ Há quem tenha demonstrado que o jovem crítico, boêmio e erudito, tinha inclinações para a filosofia vitalista e o romantismo, até mesmo para o monarquismo: EUGÊNIO, 2008: 425-459; CARVALHO, 2008: 461-480.

¹⁴ Alguns críticos contemporâneos – o caso mais contundente é o de Leopoldo Waizbort (2011) – são enfáticos em questionar a presença de uma preocupação democrática no ensaio original, o que só apareceria em esforço posterior, a revisão profunda para a segunda edição de 1948, e seria reforçada pelo prefácio de Antonio Candido, em 1969. Sem necessariamente admitir a integralidade de tais questionamentos, pode-se notar que a escrita de si do autor parece se esforçar no sentido de desfazer aparentes mal-entendidos.

Não só as obras de Weber adquiridas na Alemanha ele as guarda até aquela época,¹⁵ mas principalmente, neste período de formação do seu pensamento histórico, assimila uma das principais heranças culturais do historicismo, a moção fundamental pela historicização de todos os aspectos da vida (RÜSEN, 1997: 178), quando define a história como essencialmente “mudança e movimento”, e não “a prisão do passado” (HOLANDA, 1976: 6). Já a aplicação disciplinada de historiador – na tentativa de demarcar novo início, o da especialização acadêmica – ele a atribui ao período de convívio, entre 1936 e 1938, com o professor francês Henri Hauser (1866-1946), na Universidade do Distrito Federal (UDF). Tal contato o teria induzido a “tentar aplicar os critérios aprendidos ao campo de estudos brasileiros, a que sempre me havia devotado, ainda que com uma curiosidade dispersa e mal educada” (HOLANDA, 1979: 14).

Além da autodefinição como historiador de ofício, vimos que Sérgio Buarque menciona o “conceito de tempo” por oposição à “ideologia”, em resposta à “atual geração de historiadores”. Este raciocínio ele o complementa ao mobilizar o historicismo dos anos 1930 do filósofo italiano neo-idealista: “Eu diria, junto com Benedetto Croce, que toda história é história contemporânea. [...]” (HOLANDA, 1976: 6). Croce (1866-1952), um dos impulsores da história da historiografia como sub-disciplina, julgava ser a historicidade de uma obra o critério por excelência da crítica historiográfica (CROCE, 1962 [1938]: 13). Carbonell assinala que Croce fora o “pai espiritual do conceito de presentismo” (CARBONELL, 1982: 12). Este “conceito de presentismo” (que hoje assume diferente acepção, diga-se) estaria à base mesmo do paradigma da história-problema, pelos fundadores dos *Annales*, também expressa na sequência fórmula lembrada por Sérgio Buarque: “Nós contamos a história a partir da vivência de nossos problemas” (HOLANDA, 1976: 6).¹⁶

Colocando, portanto, o tempo presente e sua problematização em posição de centralidade, como móveis do interesse pelo passado, mostra-se coerente em seus “critérios de historicidade” – para usar a expressão de Croce. Utiliza-os não apenas na apreciação dos demais, mas aponta-os igualmente para si. O “homem cordial”, criatura

¹⁵ Essas obras podem ser consultadas, com as notas de leitura de Sérgio Buarque, em sua biblioteca, instalada em “coleção especial” da Biblioteca Central da Unicamp.

¹⁶ A aproximação de Sérgio Buarque com a historiografia francesa já se apresentava, além do convívio com Henri Hauser, nos ensaios “Apologia da História” (1950), quando comenta a recém-publicada *Apologie pour l'histoire*, de Marc Bloch (1949), e “Para uma nova história” (1950), quando cita o célebre artigo *Vers une autre histoire*, de Lucien Febvre (1949), saído no dossiê “Les problèmes de l'histoire” da *Revue de Métaphysique et de Morale*. Ambos, respectivamente, encontram-se publicados em HOLANDA, 2011: 18-21; 22-26.

sua, estaria “fadado a desaparecer” com as novas circunstâncias da modernização brasileira após a década de 1930. Da mesma forma que, para ele, os historiadores, todos, são “presa fácil de seu tempo” (HOLANDA, 1976:9).

Desdobramentos em direção à memória e à historiografia

Após o desaparecimento de Sérgio Buarque, em 1982, começaram a surgir inúmeras publicações a seu respeito, entre homenagens e obras póstumas, memórias, esboços biográficos, coletâneas de textos e ensaios historiográficos críticos ou, muito mais frequentemente, afirmativos sobre o autor e sua obra (BLANKE, 2006: 32). Memória e historiografia articulam-se de forma sensível, nos estudos acerca da sua produção e trajetória intelectual, nos anos 1980. Esta articulação – que estratifica memórias constantemente atualizadas (MASTROGREGORI, 2006: 72-3; CATROGA, 2001: 42-3) – é reforçada principalmente em 2002, ano do centenário de Sérgio Buarque, quando apareceram diversas homenagens e balanços na academia, na imprensa e inclusive no cinema.¹⁷ Ainda muito recentemente, em fevereiro de 2015 durante as comemorações do aniversário de 35 anos do Partido dos Trabalhadores (PT), o ex-presidente Lula da Silva lembrava de “companheiros da qualidade de um Sérgio Buarque de Holanda” enquanto discursava em honra da “memória daqueles que acreditaram na fundação do PT a oportunidade histórica do povo brasileiro para tomar o destino em suas mãos”.¹⁸

Transbordando um pouco o recorte aqui estabelecido, escolhemos dois exemplos, entre numerosos, para demonstrar essa articulação entre memória e historiografia desde o ponto de vista dos discursos do autor sobre si. É muito significativa a expressão do escritor Affonso Romano de Sant’Anna a respeito de Sérgio Buarque, ainda em vida. O escritor publicou em 1979 uma resenha de *Tentativas de Mitologia*, em que cobrou o desenvolvimento da “Apresentação” para uma necessária biografia intelectual, considerando a alta posição conquistada pelo historiador: “um documento e um monumento de nossa cultura” (SANT’ANNA, 1979). O historiador

¹⁷ Nelson Pereira dos Santos dirige “*Raízes do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda*” (2004). Parte do roteiro, assinado pela intérprete Miúcha, uma das filhas do historiador, foi feita com base nos “Apontamentos para cronologia de Sérgio” (HOLANDA, 1981). Em depoimento exibido no filme, sua esposa, Maria Amélia Buarque de Holanda, que fazia as vezes de secretária, conta que a cronologia lhe fora ditada de memória pelo marido.

¹⁸ LULA DA SILVA, Luiz Inácio. Discurso em comemoração aos 35 anos do Partido dos Trabalhadores [06 fev. 2015]. Disponível em: <http://www.institutolula.org/discurso-de-lula-na-comemoracao-dos-35-anos-do-pt>. Último acesso: 10 abr. 2015.

Francisco Iglésias, da Universidade Federal de Minas Gerais, publicou uma “Evocação de Sérgio Buarque de Holanda”, em duas generosas páginas completas no jornal *O Estado de S. Paulo*, poucos dias após o seu falecimento. Ele é comparado aos “mestres da historiografia universal”. *Raízes do Brasil* é visto como livro pioneiro, “que marcaria gerações”, tendo por mérito “denunciar o perigo do pensamento de direita no país”. Sobre as críticas e polêmicas em torno da noção de “homem cordial”, Iglésias não apenas considera definitivas todas as autojustificativas *a posteriori* de Sérgio Buarque como reproduz na íntegra a resposta já tradicional de que “o homem cordial estava morto”, e o livro, “plenamente datado e superado” (IGLÉSIAS, 1982: 4-5).

Assim, não é forçado dizer que a tendência geral da fortuna crítica, nos anos 1980, foi de construção da memória de Sérgio Buarque, mesmo entre historiadores profissionais. São homenagens, necrológios, panegíricos, esboços biográficos (DIAS, 1987: 6-7). Nos anos 1990, a partir da publicação reunida dos textos de crítica literária (HOLANDA, 1996), vê-se desdobrar a pluralidade de facetas do historiador, reivindicado tanto pela história literária quanto pela então nascente história cultural no Brasil como parte de sua memória disciplinar (SOUZA, 1998; GALVÃO, 2001). Do final da década de 1990 para cá, pesquisas mais especializadas procuraram dar conta de diversos aspectos da historiografia e da trajetória intelectual, institucional e política de Sérgio Buarque, em movimento pleno de historicização de sua obra, que, hoje, atinge uma fortuna crítica praticamente inapreensível em sua totalidade. Dada a condição atual de um clássico de nossa historiografia, é constante a afirmação de sua atualidade, não obstante comecemos a observar a abertura de fissuras na imagem deveras monumentalizada do autor (WAIZBORT, 2011; SALLUM Jr, 2012; FELDMAN, 2013; SANCHES, 2013; NICODEMO, 2014).

Para não entrar em exaustivo arrolamento dessa crítica historiográfica contemporânea, observamos mais de perto dois recentes esforços de aglutinação da fortuna crítica de Sérgio Buarque. Em 2012, como resultado de uma série de encontros entre 13 e 16 de setembro no Instituto de Estudos Brasileiros (USP), foi organizado o livro “A atualidade de Sérgio Buarque de Holanda”, sob organização de Stelio Marras. Um dos propósitos do trabalho seria a compreensão das “ambiguidades desde sempre enraizadas no pensamento de Sérgio Buarque” (MARRAS, 2012: 11). Pouco antes, o indispensável livro “Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas” surgiu do incômodo com a “monumentalização” do historiador (EUGÊNIO; MONTEIRO, 2008: 15). Este volume reúne em mais de setecentas páginas boa parte dos trabalhos mais significativos

da fortuna crítica, bem como publicações do autor até então inéditas, como é o caso da palestra de 1967 na ESG. Pela via do contraste, lembramos que uma das (raras) pesquisas nos anos 1980 se justificava exatamente pelas “poucas análises [até então] feitas sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda” (AVELINO FILHO, 1987: 33).

Expectativas de compreensão

Visando o dever de sua memória e a permanência da contemporaneidade de sua obra, o historiador atualizava-se, mantinha em movimento seu “eu atual” (STAROBINSKI, 1970: 84). As autorrepresentações, como acabamos de ver, ganharão eco em boa parte dos comentadores, que aos poucos vão consolidando uma determinada memória de Sérgio Buarque. Elas não a determinam sozinha, é claro, mas possuem papel ativo na (auto)construção de um legado. A própria escrita de si, enquanto gênero, pode ser definida como “tentativa de edificação de monumento harmonioso” (MIRAUX, 2012: 32). Retornar aos textos em primeira pessoa, problematizá-los, a partir de seu contexto de enunciação, pode contribuir para a historicização dessa herança.

Estas notas para estudo¹⁹ chamam a atenção para as respostas de Sérgio Buarque à crítica de sua produção ensaística, o posicionamento em defesa dos valores democráticos, além do discurso sobre a sua concepção de história. O que soava inatural em *Raízes do Brasil*, em sua opinião, era sobretudo a forma ensaística, caída em descrédito frente à crescente especialização da pesquisa histórica no país. Seu autor, assim, toma-lhe certa distância, como um livro que já pertencia mais à história da historiografia brasileira. Mas, desde que peça importante nos projetos de redemocratização, visto como um livro de crítica de nossas raízes autoritárias, não lhe deslegitima o valor de “interpretação do Brasil”. Tanto as autojustificações de *Raízes do*

¹⁹ Não somente a limitação imposta pelas dimensões reduzidas destes apontamentos justifica a escolha para análise de apenas dois suportes de sua escrita de si. Lidos em conjunto, de forma cruzada, percebe-se uma proximidade muito estreita das concepções expostas num e noutro texto. Desse modo, o prefácio de “Tentativas de Mitologia” e a entrevista à *Veja* parecem constituir o essencialmente indispensável em um *corpus* mais extenso, mas não muito numeroso, de textos do autor em primeira pessoa. Há, contudo, a necessidade de mobilização de outras fontes, além daquelas aqui mencionadas de passagem, para o estudo da escrita de si de Sérgio Buarque neste período. Uma nota importante é a investigação detalhada da própria seleção, pelo autor, de artigos que compõem “Tentativas de Mitologia”. A título de enumeração, sem arrolamento exaustivo, além das diversas entrevistas concedidas, sobretudo nos anos 1970, que se registrem os prefácios às obras de seus orientandos na USP nos anos 1970, quando assume muitas vezes o discurso em primeira pessoa; os prefácios a livros de amigos, como Vinicius de Moraes ou Ferreira Gullar, em que se entrega inadvertidamente às suas memórias; a polêmica com Carlos Guilherme Mota em 1973, no artigo “Sobre uma doença infantil da historiografia.”

Brasil, quanto seu posicionamento diante da historiografia daquela década, são elaboradas a partir de uma determinada concepção de história, que tem por base a consciência da historicidade de toda escrita da história.

Por meio da escrita de si, Sérgio Buarque reforçava sua inscrição na moderna historiografia brasileira, assim como sua participação na retomada dos valores democráticos. Esta projeção não é sem propósito em se tratando de um intelectual que concebia a prática da história um engajamento em si.

Referências

ASSIS, Arthur Alfaix. A teoria da história como hermenêutica da historiografia: uma interpretação de *Do Império à República*, de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, n. 59.

AVELINO FILHO, George. As raízes de “Raízes do Brasil”. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 18, set. 1987.

BLANKE, Horst Walter. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir. (Org.) *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

CANDIDO, Antonio. As tentativas de mitologia de Sérgio Buarque de Holanda. *O Escritor*. São Paulo, v. 1, n. 6, out./nov. 1980.

_____. O significado de Raízes do Brasil [1969]. In: HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARBONELL, Charles-Olivier. Pour une histoire de l’historiographie. *Storia della storiografia*, n. 1, 1982.

CARVALHO, Marcus Vinicius. O exagero na historiografia de Sérgio Buarque de Holanda. EUGÊNIO, João Kennedy ; MONTEIRO, Pedro Meira. *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

CHIANTARETTO, Jean-François (Dir.) *Écriture de soi et narcissisme*. Ramonville-Saint-Agne: Éditions Érès, 2002.

CROCE, Benedetto. *A História, pensamento e ação* [1938]. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Pequena biografia de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista do Brasil*, n. 6, ano 3. Rio de Janeiro: RioArte, 1987.

_____. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: *Sérgio Buarque de Holanda: história*. São Paulo: Ed. Ática, 1985 (Col. Grandes Cientistas Sociais, n. 51).

DOSSE, François. L'irreduction dans l'histoire intellectuelle. *Espaces Temps*, n. 84/86, "L'opération épistémologique – Réfléchir les sciences sociales", mai. 2004.

_____. *Le pari biographique : écrire une vie*. Paris: La Découverte, 2005.

_____. *Pierre Nora : homo historicus*. Paris : Éditions Perrin, 2011.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RJ, 2009.

EUGÊNIO, João Kennedy. Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: monarquista, modernista romântico (1920-1935). In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____. *Ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2010.

FALCON, Francisco José Calazans. L'historiographie bresilienne contemporaine (1958-1969). In: BONNICHON, Philippe; CROUZET, François; ROLLAND, Denis. (Dir.) *Pour l'histoire du Brésil*. Paris: L'Harmattan, 2000.

FELDMAN, Luiz. Raízes do Brasil: um clássico por amadurecimento. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 82, jun. 2013.

FICO, Carlos; POLITO, Ronaldo. *A história no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992.

FRANZINI, Fabio; GONTIJO, Rebeca. Memória e historiografia no Brasil: a invenção de uma moderna tradição, anos 1940-1960. IN: SOIHET, Rachel et. al. (Orgs.) *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Estudos Avançados*, v.15, n.42, 2001..

GARCIA, Patrick. *Les présents de l'historien*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2014 (Collection "Itinéraires").

GARCIA, Roberto. "Sou apenas o pai do Chico". *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, ano 14, n. 759, 1966, p. 124-5.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil, 1987.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. *Livro de fontes de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. ed. comemorativa 70 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006..

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio da 2ª. edição. In: *Raízes do Brasil*. 26ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Prefácio à segunda edição [1968]. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. “Sobre uma doença infantil da historiografia”. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 17 jun., 1973.

_____. O atual e o inatual em Leopold von Ranke. *Revista de História*. São Paulo, n.100, out./dez. 1974..

_____. A democracia é difícil. *Veja*. São Paulo, 28 jan. 1976.

_____. Apresentação. In: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. *O Espírito e a Letra*, estudos de crítica literária I: 1920-1947. Org. Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O Espírito e a Letra*, estudos de crítica literária II: 1948-1959. Org. Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia. das Letras, 1996.

_____. *Do Império à República*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012 (História Geral da Civilização Brasileira, t.II, v.7).

_____. Apologia da História [1950]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque *Escritos Coligidos*. Livro II: 1950-1979. Org. Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011.

IGLÉSIAS, Francisco *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. Evocação de Sérgio Buarque de Holanda. *O Estado de São Paulo*, 6 jun. 1982. Ano II, n. 104.

JEANELLE, Jean-Louis. *Écrire ses mémoires au XX^e siècle: déclin et renouveau*. Paris: Gallimard, 2008.

LAPA, José Roberto Amaral *A história em questão: historiografia brasileira contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1976.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia* [1969]. 4ª. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris : Seuil, 1975.

LEVILLAN, Philippe. Les protagonistes: la biographie. In: RÉMOND, René (Dir.). *Pour une histoire politique*. Paris: Éditions du Seuil, 1998.

MARRAS, Stelio. (Org.) *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: IEB/Edusp, 2012.

MARSON, Adalberto. Sobre a ideologia do caráter nacional: uma revisão. *Revista de História*. São Paulo, 1971, segundo trimestre, n. 86.

MASTROGREGORI, Massimo. Historiografia e tradição das lembranças. In: MALERBA, Jurandir (Org.) *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

MELLO E SOUZA, Laura de. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil Colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. Rio de Janeiro: Contexto, 1998.

MIRAUX, Jean-Philippe. *L'autobiographie: écriture de soi et sincérité*. Paris: Armand Colin, 2012.

MONTEIRO, Pedro Meira *A queda do aventureiro: aventura cordialidade e novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1999.

_____. Sérgio Buarque de Holanda e as palavras: uma polêmica. *Lua Nova: revista de cultura e política*, n. 48, dez. 1999.

MOTA, Carlos Guilherme. Os fazendeiros do ar [1977]. In: *História e contra-história: perfis e contrapontos*. São Paulo: Globo, 2010.

_____. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica* [1977]. 9ª. ed. São Paulo: Ática, 1994.

NICODEMO, Thiago Lima. *Urdidura do vivido: Visão do Paraíso e a obra de Sérgio Buarque nos anos 1950*. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista de História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 14, abr. 2014, p. 44-61.

ODÁLIA, Nilo. Introdução. In: *Varnhagen*. São Paulo: Ática, 1979.

POMIAN, Krzysztof. L'histoire de la science et l'histoire de l'histoire. *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*. 30e année, n. 5, 1975.

PORRIER, Philippe. *Les enjeux de l'histoire culturelle*. Éditions du Seuil, 2004.

RODRIGUES, J. H. *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo : Editora Nacional; Brasília: INL, 1978.

RÜSEN, Jörn. Historismus. In: BERGMANN, Klaus u.a. (Hrsg.): *Handbuch der Geschichtsdidaktik*, 5. überarb. Aufl. Seelze-Velber: Kallmeyer, 1997, p. 178-181. Disponível em: http://www.joern-ruesen.de/2.07_Handbuch_der_Geschichtsdiatik_-_Artikel_Jorn_Rusen.pdf. Último acesso: 10 abr. 2015.

_____. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W. M. Editores, 2012.

SALLUM Jr., Brasílio. Sobre a noção de democracia em *Raízes do Brasil*. In: MARRAS, Stelio. (Org.) *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: IEB/Edusp, 2012.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Esclarecendo mitos. *Leia livros*. São Paulo, mar. 1980.

SCHILD, Susana. Memórias e depoimentos: os políticos avaliados pelos historiadores e pela crítica literária. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 48, 3 de setembro de 1977, Caderno Livro..

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da ditadura militar e o processo de abertura no Brasil, 1975-1985. In: DELGADO, Lucilia de Almeida; FERREIRA, J (Org.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. Discurso em comemoração aos 35 anos do Partido dos Trabalhadores [06 fev. 2015]. Texto e áudio disponíveis em: <http://www.institutolula.org/discurso-de-lula-na-comemoracao-dos-35-anos-do-pt>. Último acesso: 10 abr. 2015

STAROBINSKI, Jean. Le style de l'autobiographie. In: *La relation critique*. Paris: Gallimard, 1970.

_____. Peut-on définir l'essai? In: DUMONT, François (Dir.) *Approches de l'essai: anthologie*. René-Lévesque Ouest: Éditions Nota bene, 2003.

WAIZBORT, Leopoldo. O mal-entendido da democracia: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 76, jun. 2011.

WEGNER, Robert. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

Data de recebimento: 15/04/2015

Data de aceite: 13/07/2015